



# Gaiato



PORTE  
PAGO

Quinzenário • 11 de Julho de 1992 • Ano XLIX — N.º 1261 — Preço 30\$00 IVA incluído

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## 16 de Julho



**Hora de acentuado  
recomeço tem de ser  
oportunidade  
de sangue renovado**

**T**RINTA e seis anos depois daquele dia que deu início ao cumprimento do anúncio feito e insistido por Pai Américo: «A minha Obra começa quando eu morrer» — somos de novo apanhados em transe de recomeço.

Nem sei se este transe não é o regime da nossa vida. Pois não é ela semelhante à do forneiro que amassa e cose e tira... e logo torna a tornar? Cada momento é o princípio de uma carreira, seja o rapaz ou o doente que chegou agora, seja a família que nos bate à porta na ânsia tão justa de uma habitação capaz para os seus, seja qualquer inesperado problema que se levantou. Quando julgamos algo terminado, quando suspira-

mos por um instante de pausa, surgem trabalhos novos a solicitar-nos — e, assim, todo o tempo é de acção.

Sem a autoridade de Pai Américo para dizermos «a Obra começa quando eu morrer», acreditamos, todavia, que o nosso desgaste é semente de novas energias que o Senhor desencandeará quando entender, de modo que esta acção, que Lhe pertence mais que a nós, não sofrerá descontinuidade, pois cada um chamado a suportá-la, não passa de servo inútil a quem Ele deu a graça da utilidade enquanto quis e substituirá quando chegar a hora.

Esta hora, porém, é de acentuado recomeço. A dispersão que o regresso a África impôs, implica um redobrar de esforços, cá e lá. Todos o entendem, muitos se afligem. Será o Senhor que vai fazer excepção?! Ele que nos conhece melhor do que nós

Continua na página 3

## Encontros

EM LISBOA

**Pedras imprescindíveis**

**S**E mais razões não houvesse para darmos graças a Deus, existe, pelo menos, a de sentirmos que não estamos sós no nosso trabalho, dado o grande número de amigos que nos visita e quer partilhar a nossa forma de estar e viver. Habitúamo-nos às perguntas em que o centro são sempre os rapazes, os seus êxitos e as suas dificuldades. Por isso, fiquei felizmente surpreendido com um casal que nos visitou e que, a determinada altura, me diz: «Quando é que poderíamos falar com as senhoras? Quando é que lhes dá jeito? Gostaríamos de as cumprimentar». A minha surpresa nasce do facto de ser quase inexistente este tipo de preocupações. As senhoras quase não existem para a maioria dos nossos visitantes. Ficam exclusivamente debruçados sobre os rapazes. Fiquei contente porque alguém se apercebe que as senhoras existem e, na sua vida recolhida e atarefada, são pedras imprescindíveis na nossa maneira de ser.

Com efeito, se é verdade que a razão de ser das Casas do Gaiato são os rapazes, não é menos verdade que sem as senhoras a dar-lhes vida, deixariam de existir na sua vertente mais profunda e também mais escondida: o amor que aí existe e se reparte. É esse amor que torna sólido o edifício.

Os rapazes têm atrás de si uma vida de sofrimento e abandono. Têm histórias para contar que, às vezes, roçam as fronteiras do inacreditável. É normal que as nossas visitas se interessem por toda essa vida e, no seu coração, nasça a simpatia, uma certa forma de estar com eles. Mas, evangélicamente, isso não chega. É necessário o agir. É aqui que surgem as senhoras das Casas do Gaiato. O seu coração também um dia se condeu e não ficaram com lamentações estereis a olhar para fora. Entraram e deram-se para que muitas vidas não se percam.

Vem-me à memória o ferido no caminho de Jerusalém para Jericó. Jesus olha para o ferido, é certo, no entanto, faz

Continua na página 4

### Os olhos do Papa poisaram na Casa do Gaiato

O Santo Padre João Paulo II deixou, há momentos, o cantinho onde escrevo. Na passagem para o aeroporto da Catumbela, de regresso a Luanda, fez um pequeno desvio para visitar o mosteiro das Irmãs Dominicanas Contemplativas. Em frente está o portão da Casa do Gaiato de Benguela. Os olhos do Papa poisaram nela também.

A presença de João Paulo II em Angola, nesta hora, é um acontecimento de cujos frutos a história dá e dará contas. Está em preparação o tempo das primeiras eleições livres: mais uma etapa decisiva no caminho deste povo.



O ódio semeado ao longo dos anos de guerra civil deixou marcas muito fundas em sua alma. Todos os sectores da vida fora afectados: a família, o trabalho, a vida religiosa. O Papa aparece neste contexto. A sua pessoa e a sua palavra tornaram-se ponto de referência necessária no meio de tamanha desorientação. A reconciliação nacional é tarefa prioritária.

As multidões que se abeiraram dele sentiram-se membros duma mesma comunidade. E isto foi e é importantíssimo.

Mais uma vez a Igreja de Jesus Cristo revela o que é por Sua natureza: lugar de encontro único das pessoas com o seu Deus e, logo, consigo mesmas e com os outros. «Uma maravilha!», dizia o povo.

**A família sofreu  
muito com a guerra!**

A família, em Angola, sofreu muito com a guerra: lares destroçados; rapazes e raparigas desmotivados para qualquer compromisso matrimonial; filhos gerados e nascidos fora da família; multidões de meninos e meninas

Continua na página 4

## Moçambique

Um jogo de paciência

**E**SCREVER para O GAIATO, às vezes, é penoso. A gente passa os dias pela cidade, apressado e preocupado. Vem embora ao fim do dia, com o amargo de ter que voltar no seguinte. Tem sido assim durante semanas, meses; e, daqui a pouco, um ano. É difícil conciliar a educação urgente dos rapazes, e eles já são muitos, com estas andanças inadiáveis. Há recursos disponíveis em instituição de ajuda internacional que ficam inactivos e se perdem na burocracia estafante, para quem os procura. Logo à chegada nos alertaram: «As coisas conseguem-se, mas não logo. Há que ter muita paciência». Contar casos, seria de fazer perder a paciência também.

Não admira que este negócio da Paz para Moçambique seja um jogo de paciência.

Milhões de moçambicanos  
exaustos de fome e de guerra

Entretanto, há milhões de moçambicanos exaustos de fome e de guerra. Só em Cabo Delgado, dizia há pouco o noticiário, são cinquenta mil crianças em risco de morrer. Aqui, na Massaca I, morrem durante toda a semana adultos e crianças. As pessoas nem sabem explicar o porquê. No Hospital de Boane, quando ali se vai, é uma multidão à espera de um médico. Quantos já não têm força para chegar!

Nos campos em roda, nem capim se vê. Só em nossa Casa o pó entra aos quilos por dia. Com a promoção do trabalho nas Micro-empresas, trinta e um homens garantem o sustento das suas famílias com a venda dos produtos. Mais uns tantos em nossa Casa. Não

Continua na página 4



## Conferência de Paço de Sousa

**HABITAÇÃO** — Naquele dia, além doutros problemas tão comuns no reino dos Pobres, encontrámos uma família jovem que ficaria sem tecto, por ordem de despejo.

A mãe sem palavras que justifiquem o drama! A irmã serve de intérprete e faz o ponto da situação: «Como atrasaram o pagamento da renda, vão pô-los na rua. Já demos voltas, mas não conseguimos uma casa!»

Para nós outros, que agimos ao rés-do-chão e não perdemos tempo em mesas redondas, estes casos são vulgares. Por isso, temos partilhado muitos aluguéis pelos Pobres — para que não sejam postos na rua.

Único remédio, no caso verídico: o casal ser acolhido por familiares. Acontece a muitos, especialmente a casais jovens.

Alguns destes problemas são fruto da época... É verdade! Mas nem todos podem acompanhar o custo do aluguer.

Neste campo, vasto e complexo, não deixa de ser estranho que em localidades de regiões intermédias, a autêntica habitação social, de renda limitada, continue quase na estaca zero. Até porque, infelizmente, nem todos os trabalhadores — especialmente os que usufruem salário mínimo — podem construir habitação própria, mesmo em regime de Autoconstrução. Seja pela taxa de juro dos empréstimos, pelo preço (ou ausência) de loteamentos, pelo custo das obras — inflacionadas pelo fisco (45%) — e pela tremenda burocracia. O maior pecado do Estado que coarctava em vez de promover, sem escolhas, a solução do mais grave problema social!

Mais: Segundo um recente cálculo de qualificados especialistas do sector, o custo da habitação em Portugal (mesmo com vantagens na mão d'obra...) é o dobro dos países europeus! Urge, pois, equacionar — e resolver — o complexo problema de princípio ao fim.

**PARTILHA** — Uma dúzia de contos pela mão da assinante 8451, de Vila Nova de Gaia.

«Pequena ajuda relativa ao mês de Junho, e destinada à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus», com um voto expresso: «Saúde para todos e Deus vos acompanhe sempre na vossa tarefa». Que bem! É o testemunho da assinante 14493, da Rua da Boavista, Porto.

Mais dez contos, de Tavira, e uma nota cristã: «Peço completo anonimato». Para além de nós outros, só Deus sabe.

Temos, agora, a nossa velha amiga, assinante 7769, da Capital do Norte, reclamando a omissão, nesta coluna, de um óbulo enviado em Abril. «Fui esperando este tempo todo e não mais vi, em Partilha, a certeza de ter recebido». Descanse! O correio todo ele é aberto pelos Padres da Rua. Montes de cartas! E só depois passam à nossa mão. Com certeza, a missiva ter-se-ia extraído neste vai-e-vem.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

# Pelas CASAS DO GAIATO

## MIRANDA DO CORVO

**ANO ESCOLAR** — Os estudantes encontram-se agora em férias, a nossa Casa não é excepção e já nos encontramos todos em Miranda do Corvo.

Para alguns que se esforçaram e passaram, as férias são um prémio. Para os que não tiveram aproveitamento, é tempo de tristeza e lamentação. Paciência. No próximo ano estudem mais um pouco e conseguirão ter resultados na proporção dos seus dotes. Para o ano, força!

Em nossa Casa as faculdades intelectuais têm sido bem aproveitadas. Os estudantes mais velhos, de Coimbra, frequentam o Ensino Unificado, e o aproveitamento foi 100% positivo.

Quanto aos que frequentam a Escola Primária e o Ensino

nocturno, também aproveitaram da melhor maneira.

**AGRICULTURA** — Rapazes em férias, é necessário ocupá-los. As batatas estavam boas para serem colhidas. Passámos dois dias e meio a arrancar os tubérculos da terra que foi vinha.

Uma boa colheita: 5.100 kg. Abstraindo o esforço, pois foram dois dias de bastante trabalho com o sol a dificultar o serviço.

Um episódio da nossa vida com um fim feliz. Os rapazes sentiam-se cansados, mas, pelos resultados, valeu o esforço.

António Maria

## TOJAL

**INSTÂNTANEOS** — Da janela da nossa Escola olho para os canteiros de flores: Dálias,

lírios e meios-dias que tornam mais colorida a nossa Casa. Entre eles, de cores vivas, os rapazes correm, saltam e brincam uns com os outros.

O nosso Luís Miguel, o «bébé», aponta um dedo. Olhos vivos, levam-no para junto das flores. Exclama: «Rua! Rua!» Alegre e sorridente caminha e junta-se aos amigos no jardim.

— Onde é que queres ir?

— Muuu! Muuu! Quá! Quá! É maravilhoso! Corre para junto das vaquinhas e dos patos.

O Luís veio para nós com 13 meses. É o mimo da Comunidade. Acredita em todos aqueles que se responsabilizam pela sua formação integral. Unidos, somos o que cada um dá para tornarmos a Casa de cores vivas, sentindo confiança naquilo que é nosso.

A Casa do Gaiato é vida. O rapaz ama aquilo a que tantas vezes chamamos mistério da vida. Amor que aponta para servir. No estudo, nas ocupações, na opção profissional, nos tempos livres e na vida religiosa se revelam e damo-nos uns aos outros. Há o segredo da Cruz, expressão de grande esperança no exercício da generosidade.

O Luís aparece também às refeições. Todos o querem nos braços! Gestos de ternura! Sem saber, ele é centro de disponibilidade e benefício para todos nós.

Há dias, um rapaz foi chamado a «tribunal» porque as coisas, na Escola, não correram bem. Os julgamentos são feitos no refeitório e quase sempre após a refeição. Padre Cristóvão pede que se apresente no meio da sala, pois a sua mesa fica junto dos mais pequeninos. Caminha de cabeça baixa.

— O que é que se passou?

A resposta demora. Entretanto, dois colegas testemunham o caso, na sala de aulas. Contudo, não houve comentários.

— Faltei ao respeito à senhora professora...

Não há palavras para revelar o expressivo rosto do rapaz, a seriedade e dignidade do «tribunal». A nossa justiça consiste no respeito do exercício da liberdade individual. «Encarecemos a honestidade.»

— Vou esforçar-me para mudar. Eu peço desculpa!

Voz humana que clama o sentido de justiça que se impõe e reina na Comunidade, espera que o exemplo do pequeno redimido sirva de remédio para que a inocência do Luís e outros não venha a ser maculada em situações semelhantes.

José Manuel Anjos Nunes

## PAÇO DE SOUSA

**ANO LECTIVO** — Já terminou. Que os estudantes hajam aproveitado o máximo para ultrapassarem mais um obstáculo. Caso contrário, para o ano terão que repetir.

**PISCINA** — Começou a funcionar em 18 de Junho. Com um bom trabalho do chefe-maioral e do Neca, recebemos a piscina limpa. Espero, também, que respeitem os respectivos chefes.

Um pequeno aviso: Há visitantes, quando chegam, que pensam logo tomar banho. Não pode ser assim. A piscina não é pública. Senhores leitores, não pensem que somos egoístas — mas há pessoas que abusam. Chegaram alguns a tomar banho com a roupa!

Obrigado pela compreensão.

**OBRAS** — A casa 1 está em obras e tudo a correr bem. Parece que há problemas na casa da praia. O nosso Padre Carlos tem mandado alguns

rapazes trabalhar para Azurara. Entretanto, o primeiro turno partirá no princípio de Julho.

**EXCURSÕES** — Recebemos uma, de Melres. Participaram com o grupo coral em nossa Missa. Dia muito bem aproveitado pela malta e pelos simpáticos Amigos, de Melres!

**CASAMENTO** — Já há muito tempo que não falávamos em casamentos!

No domingo, 21 de Junho, casou o nosso Teixeira. A cerimónia religiosa em nossa Capela. Espero que sejam felizes na companhia da Maria de Fátima.

«Vitinho»

**VISITA SURPRESA** — no dia 16 de Junho, estava um tempo primaveril, os miúdos iam para os estudos, por volta das 16,30 h., quando os mais velhos trabalhavam, e viram um carro «BMW».

— Quem é?!

— O Jorge Plácido, disse um deles.

Com muita admiração, os rapazes cumprimentaram o craque. O jogador comprou gelados («calipos») e o «Cebola» distribuiu pelos rapazes: miúdos e grandes.

Visitou as nossas oficinas e gostou de nos ver trabalhar.

Antes da despedida disse: — Vou fazer um truque com a bola, e quem o conseguir terá um prémio.

Nas tentativas ninguém acertou! Uma vez, recebemos um grande clube: o F. C. Porto.

O craque disse que tornaria a nossa Casa. Ficamos à espera. Desejamos uma boa época.

Repórter x

## Chegámos a Benguela

O regresso da Casa do Gaiato saudado com entusiasmo

Chegámos, há poucos dias, a Benguela, Vale do Cavaco, e sinto-me em casa como se já há muito tempo aqui vivesse. Contribue para isso o acolhimento das Monjas Dominicanas, enquanto a nossa Casa fica habitável; o entusiasmo e calor, apesar do clima agradável que se faz sentir, com que é saudado o regresso da Casa do Gaiato; e toda a paisagem desta zona, que é linda na sua diversidade.

Tudo em África desafia a abrir-me ao novo, a olhar ao longe: a imensidão dos espaços, a largueza de horizontes, a extensão de espaços verdes, o mar e a multidão de pessoas, de crianças...

Peço ao Senhor que conceda a graça de me abrir aos irmãos e não me fechar em mim mesma. E desejo que outras pessoas sintam o mesmo! Muitas crianças têm tão pouco e podemos dar muito, preparando-as com amor para trabalharem na reconstrução do seu país.

Teresa





# Correspondência de Família

## Reflexão entre Rapazes

O importante momento que a Obra da Rua atravessa convida-nos, uma vez mais, a reflectir. E quero partilhar convosco o que sinto sobre este novo estender o coração a África. Numa reflexão entre Rapazes.

Aos Padres Telmo, Manuel António e José Maria, prendem-se-lhes novamente os olhos com quanto seus corações jamais deixaram de sentir. E o que antes foram lágrimas de profunda amargura provocadas pelo abandono converte-se novamente em motivo de intensa alegria, imaginando nós o que para eles significa retomar em mãos respectivamente as Casas do Gaiato de Malanje, Benguela e do Maputo.

Acredito que é das incertezas que as mais sólidas certezas nascem, quando a vontade de ir mais além é maior do que a acomodação feita de receios justificados. E este ir mais além, agora e aqui, foi tornar-se a África por amor do que de melhor África tem e que a todos nós de alguma forma continua chamando: devolver o brilho da Paz aos olhos das crianças. Do comer ao vestir, do aconchegar ao instruir para a vida.

## Contributo para um mundo melhor

Porque é tomando cada vez maior consciência que da atenção dada às crianças resulta o mais genuíno contributo para um mundo onde viver seja cada vez mais um assumido acto de afirmação humanista que a verdadeira Revolução se dá, na qual nada se estraga, antes se constrói.

Por muitos que sejam os perigos, o Bem fará sempre com que se quedem e rendam eventuais imponderados furores.

Muitos, por cá, vão espreitando como sacudir uma vez mais a «árvore das patacas»... E há os que para África apenas vão com contrato firmado em dólares...

A Teresa deixou para trás uma vida profissional e materialmente estável. Levou tempo a fazer com que seus pais pelo menos entendessem que a chamava algo de mais nobre e que o dinheiro não paga.

A Teresa não terá saís no banho;

A Teresa não vestirá casa-de-peles;

Não se deslocará de «Mercedes» ou «BMW» a recepções que no dia seguinte apareçam badaladas na comunicação social;

A Teresa não terá tempo sequer para, trivialmente, folhear a «Marie Claire»...

A Teresa não queimará as horas...

A Teresa cunhará a vida! Porque a Teresa descobriu-se!

Porque a Teresa é a Teresa! Fazendo com que muitas crianças voltem a sorrir!

Apercebendo-se da sua sensibilidade nos primeiros desenhos e letras que lhes for ensinando.

A Teresa sentirá a alegria de correr pela avenida das mangueiras e descobrirá que o encanto das acácias se pode espelhar nos olhinhos de muitos rostos negros que a banharão de ternura branca.

E é perante esta riqueza feminina que eu me inclino, a que verdadeiramente mere-

ce a minha «Coluna Social».

Que a Teresa e a Aurora vão encontrando na Comunidade de Benguela um espaço, cada vez maior, de mães dos que as perderam ou as têm económica ou psiquicamente debilitadas!

A minha admiração também para quantas, nas outras Casas do Gaiato, vão dando o melhor de si, especialmente aos mais pequenos, todas quase nada recebendo para o muito com que se entregam e que representa, na sua vida, uma opção de vida.

De uma coisa podem estar certas: o carinho dado a cada criança será por esta recordado pela vida fora! Como comigo acontece.

Aos que a África voltaram por amor à Questão Social, que Deus proteja e acompanhe em todas as horas. Aos que ficamos, nos vá sacudindo e faça merecer, pelo empenho resultante da capacidade e disponibilidade de cada um, aqueles que de entre nós uma vez mais tomaram no peito estender a Obra da Rua a Angola e a Moçambique, num discreto investimento humano que a estes dois países dará certamente dos melhores frutos.

Santos Silva

# Recordações de Pai Américo

## Primícias

Decorria o ano de 1938 quando nos é anunciado um Padre para nosso professor de Moral e Religião. Eu estava em regime de semi-internato, trabalhava na cidade de Coimbra e já tinha concluído o curso comercial da Escola Brothero.

Passou assim a haver, ao domingo, uma aula de Moral seguida, às 11 horas, de Missa celebrada na Igreja de Santo António dos Olivais.

Deste modo, foi num domingo de Abril ou Maio de 1938 que Padre Américo se apresenta aos cerca de duas ou três dezenas de semi-internos e, numa sala posta à sua disposição, recebe cada um, pela primeira vez. Chegada a minha, entro e tenho na minha frente um Padre já semi-grisalho, cabelo quase rapado, rosto redondo, óculos de miópe, forte, bem parecido. Estava sen-

tado numa cadeira e tinha um banco na sua frente.

— Sou o Alberto Augusto. — Senta-te; já sei algumas coisas a teu respeito. Encosta a tua cabeça na minha e vamos conversar de homem para homem.

Conversámos. — Sabes — diz-me no fim — já és muito responsável, já tens muitas condições para exigires de ti e te exigirem responsabilidades. Até já, pois vamo-nos encontrar na Missa.

Este episódio e muitos outros jamais se apagarão da minha memória!

E foi assim, todas as semanas, até à fundação do Lar do Ex-Pupilo dos Reformatórios.

No tempo decorrido, o Padre Américo organizou, para nós, algumas excursões. Ao Buçaco onde se comeu uma bacalhousada feita na mata e no fim distribui aos mais velhos um cigarro para «fumegar». Antes tinha havido burricada

para os «Batatas» com Padre Américo de pau na mão a tocar os burros na subida à Cruz Alta. De outra vez, fomos à Figueira da Foz tomar banho no Cabo Mondego, seguindo-se uma merenda junto ao farol e, depois de passear a tarde pela cidade, um jantar no Seminário.

## Lar do Ex-Pupilo dos Reformatórios

O tempo passou e em 1940 Padre Américo conversa muito comigo e fala num Lar destinado a acolher ex-pupilos da Tutoria que trabalham na cidade, para evitar quartos e pensões, e onde ele quer e vai viver connosco. Para isso várias vezes me encontrei com ele no Seminário.

Com tudo a postos, em parte de uma moradia na então Ladeira dos Lóios, na presença dos primeiros habitantes, de uma funcionária da Tutoria, D. Helena, e do que foi também meu grande amigo, o Professor Doutor José Beleza dos Santos, juiz do Tribunal de Menores, no primeiro de Janeiro de 1941, Padre Américo inaugura e dedica ao Sagrado Coração de Jesus o Lar do Ex-Pupilo dos Reformatórios, em Coimbra.

Outra recordação inesquecível. Fecho os olhos e estou lá, no tempo e no lugar: Passados meses, Padre Américo queria acolher mais rapazes e o Lar muda-se para a Rua José Falcão (n.º 17 ou 27), na Alta, junto à Universidade.

Entretanto eu tinha sido incorporado na vida militar, serviço de saúde, que naqueles tempos era um pro-forma que durava três meses, mas com a situação de guerra a agravar-se, e apesar de Padre Américo intervir junto dum capitão todo poderoso das forças militares, embarco para a Ilha Terceira a 8 de Novembro de 1941. Vim de licença em 1942 e o meu quarto — o quarto do maioral, em frente ao do Padre Américo — estava sempre livre e reservado, pois, dizia ele, era «o respeito pela ausência».

## Padre-Pai

Padre Américo sempre me apoiou e nunca me abandonou

# DOCTRINA



Se nunca choraste, nunca viveste.

• Mais um «tome lá estes vinte escudos, que eu não estava no seu peditório dos Olivais». Desconheci por muito tempo estas mãos discretas e generosas que, por vezes, deixavam cair nas minhas, pecadoras, notas de vinte escudos. Um dia, no eléctrico, curioso, perguntei. «Senta-se na Sala dos Capelos, de capelo; é um sábio e um investigador», disse-me um colega. E como nunca houve no mundo sábio verdadeiro sem modéstia e sem pobreza, a gente cá debaixo, rentinho ao chão, admira neste gigante os atributos da Ciência verdadeira.

• Mais um ror de coisas para a despensa dos gaiatos, do nosso industrial. Este senhor tem a menina dos olhos na Obra da Rua e anda apaixonado por ela! No peditório de S. Bartolomeu, alguém de entre o povo, ferido no coração, levanta-se e declara desejar ser subscritor da Casa do Gaiato e fá-lo com sessenta escudos semestrais. Estes são firmes, porque voluntários. Tenho tão poucos, nunca cidade tamanha — e a Criança paga tão bem o Bem que se lhe faz! Inscreve-te hoje; eu mando à porta o cobrador. Cinco tostões por mês também é cota; não quero quantidade, quero qualidade.

• O imposto de azeite para as Colónias de Férias dos Gaiatos da Baixa está à cobrança desde já: potes na Gráfica, à espera. (...) Não peço pipas de azeite; peço lágrimas dele. Eu quero que seja fruto e produto de lágrimas, tudo quanto entrar para a despensa do catraio. Há-de dar do que é teu, do que tens para teu governo, quinhão dos teus filhos, repartir alegre e sacrificado — lágrimas. A toada do meu pedir tem de esconder trabalhos e lutas, cuidados e canseiras, coragem e persistência — lágrimas. Não é um armazém; a nossa despensa é um santuário.

• Há dias, surpreendi uma das mães a retirar os precisos das refeições do dia, olhos marejados. — De que chora você, mulher? «Da fartura, senhor!» Dizem que as cataratas do Niagara são as mais altas do mundo; de muito mais alto caem as lágrimas destas mães. Nunca choraste de abundância porque nunca viste a penúria.

• O quadro que mais prende a gente à Casa do Gaiato, é o da vida de relação entre a mãe e os garotos. Embora seja, em regra, mãe de um só (a última tinha lá três), todos correm para ela na maré das rixas e dos galos e dos aches e de outros graves acontecimentos. Temos depois a curiosidade nervosa dos pequenos, em saber qual é a mãe que vem substituir a que vai e todos gritam ao mesmo tempo, no mesmo tom: «Traga a minha!» Quanto a elas, despedem-se com saudades dos filhos e da Casa, levando no coração a esperança de regresso; e são tão grandes na simplicidade com que dizem, na hora derradeira: «Eu só quero que a mãe que vier trate tão bem os meus filhos como eu tratei os dela!»

*D. Américo!*

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)

por todo o tempo de mobilização, tendo-me feito uma assinatura do *Primeiro de Janeiro*, na altura o melhor jornal do País. Regressado à Terceira, o tempo passa e sou desmobilizado, para voltar a Coimbra em 30 de Agosto de 1944, indo de seguida a Paço de Sousa visitá-lo. Depois das Colónias

de Férias dos garotos das ruas de Coimbra, da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, onde fui em 1940, ao serviço do Lar do Ex-Pupilo, era agora a vez de Paço de Sousa onde se havia instalado.

CONTINUA

Alberto Monteiro Nunes

# 16 de Julho

Continuação da página 1

mesmos e sabe a capacidade das nossas forças?! Cá e lá este recomeço tem de ser oportunidade de sangue renovado. Eis a grande intenção do presente 16 de Julho.

Há trinta e seis anos, Pai Américo levou ao Céu a nossa urgência e Deus ouviu e respondeu. E agora?...

## Uma carta

Carta recebida, há poucos dias, do Gabinete do Conselho Científico de um Instituto Superior, rezava assim: «Gostaria que esse cheque fosse utilizado para custear uma pequena despesa com o Processo de Beatificação do Pai Américo, cuja intercessão junto do Senhor tem sido extraordinária e valiosíssima em favor de um filho meu com muitos problemas. Gostaria de ser útil para a Beatificação de um Santo tão necessário nos Altares, para exemplo de todos nós, Igreja Militante, nestes tempos tão difíceis».

Tempos tão difíceis... Muitos filhos com tantos problemas!...

Será possível que falte a sua intercessão valiosíssima em favor destes que são seus?!

E agora contamos com ela e esperamos em Deus que sempre nos ouviu e tem respondido.

Padre Carlos

Continuação da página 1

sobretudo ressaltar o gesto do samaritano que o acolhe. Ihe dá uma resposta. E, assim, termina: «Vai e faz o mesmo».

### Samaritanas do nosso tempo

É uma trabalhosa alegria as Casas do Gaiato poderem acolher tantos rapazes. Nunca será demais olharmos também para a graça que é existirem mulheres-mães que decidiram dar a sua vida adoptando como seus os filhos de ninguém. As suas vidas são uma resposta ao apelo evangélico. São vocações nascidas nas águas do Baptismo, revestidas de Cristo, tornadas samaritanas do nosso tempo. É bom percebermos como, simples cristãos, respondem às necessidades dos nossos dias, sem ser preciso votos ou hábitos.

Nas nossas Casas, as senhoras têm um lugar muito escondido, porém a sua presença é quase como o fermento no meio da massa. Não se vêem, mas sentimos a sua falta quando não estão ou não existem.

Dado que a nossa pedagogia não se baseia no discurso, mas parte sempre do

## ENCONTROS

### EM LISBOA

agir concreto, poderemos perceber a riqueza que é para os rapazes terem a trabalhar com eles uma senhora em quem podem confiar e que está ali única e exclusivamente para eles. É o ensino no momento, a chamada de atenção, a correcção, o carinho, o olhar de esperança, o encorajamento, a escuta, o perdão, a alegria, a cura das feridas morais e físicas, a paciência de, dia após dia, continuar ali presente. Tudo isto se faz discretamente no meio das panelas, das limpezas, das roupas, das arrumações, da oração e mesmo do descanso.

### Muitas vidas se esvaziam em discursos...

Há tempos, alguém exclamava: «Mas isso é um trabalho de escravo». Na altura calei-me e não comentei. Acho que não. É um trabalho de amor. O

Evangelho realiza-se. O grão de trigo morre para dar muitos frutos. Se não fossem estas Mulheres que por vocação, generosidade e entrega de vida se tornaram mães reais, palpáveis, que seria dos rapazes que acolhemos?

Não olhemos só para os feridos. Olhemos também para quem acolhe os feridos. Coração sem acção dá lamechice. Muitas vidas se esvaziam em discursos sobre Pobres e pobreza, incapazes de mudar uma fralda, dar banho a um pequenino, curar uma ferida, dar um beijo a um mal encarado, encorajar no meio dos destroços, acertar o colarinho da camisa a um desajeitado, atar os sapatos a quem não foi capaz... Também não ouvirão frases do género: «Ó senhora, hoje vou varrer bem os cantos»; «hoje portei-me bem»; «vou fazer as cenouras bem às rodela»... Ou então não sentirão a alegria interior de um beijo desejado, de uma carícia sonhada, de uma mão apaziguadora sobre a cabeça.

Demos graças a Deus pela vocação humilde, discreta e eficaz das senhoras das nossas Casas. Elas são um dom de Deus à Igreja e aos Pobres de hoje.

Padre Manuel Cristóvão

# Tribuna de Coimbra

### Antigos gaiatos

Hoje foi a reunião anual da Associação dos Antigos Gaiatos. Estiveram muitos. De longe e de perto. Alguns de mais longe chegaram de véspera.

É sempre uma grande festa de família! Eles vêm com suas famílias. É uma casa cheia. Um dia de muita alegria. Alguém perguntou se eu me «sentia muito feliz com estes filhos que ajudei a criar». Respondi com um sorriso, pois as palavras não são capazes de exprimir todos os sentimentos.

## Moçambique

Continuação da página 1

sei se haverá uma centena de famílias dependendo de ordenado fixo. Mas são aqui oitocentas e quarenta. Como vivem? A lenha escasseia cada vez mais.

### Refazer o perdido

Estamos a pensar numa cozinha comunitária para os velhinhos, a quem não podemos entregar alimento, porque lho roubam. Roubar, aqui, não é um vício reprovável. É um modo de viver. Do muito que nos mandaram de Paço de Sousa, e guardávamos em contentor na Caritas de Maputo, roubaram tudo o que de melhor lá estava: cobertores, lençóis, agasalhos, calçado, remédios, loiça, roupa nova, camas, colchões, sei lá... Até doeu o coração! E já tínhamos distribuído, de imediato, o que não era para nós. Com quatro rapazes nossos em cima do carro vigiando à porta do Bazar e enquanto pegava um saco de cebolas para colocar em cima, desapareceu a minha bolsa: documentos, dinheiro, talão de cheques, endereços. Uma falta enorme! Há que ter paciência e andar caminhos escusados para refazer o perdido. Roubam a quem tem. E onde não há o que roubar? De muitos modos o roubo é já uma instituição e um negócio.

Os menos desesperados ficam pela bebida. Preparada a modo tradicional, com água mesmo suja, frutas ou açúcar, enganam a fome. Em quase nenhuma noite há sossego, na aldeia. São dezenas de casas onde homens e mulheres passam a noite, e até o dia, bebendo. O povo não tem alegria de viver. Quando se houve batuque, só pode ser curandeiro.

O que irá por esse Moçambique todo, atingido tragicamente pela fome e pela guerra?!... Que Deus passe fogo na mesa das negociações a derreter barreiras, a fundir as vontades numa só: a Salvação do Povo de Moçambique.

Padre José Maria

Estas reuniões são sempre preparadas pelos mais responsáveis. Planearam tudo. O dia. As horas. A Eucaristia. O almoço. A merenda. O jantar. As facetas do convívio. Tudo costuma ser bem planeado. Ao fim do dia são os abraços e beijos e até ao ano com mágoa de não poder ser mais vezes. Um deles quis falar comigo e perguntou se eu sabia de alguns que viviam com dificuldades. Demos uma volta por várias vidas. Vimos casas de mau governo familiar. Vimos também pais e mães que se não entendem e os mais prejudicados são os filhos. Procurámos caminhos de ir ao seu encontro. Deus nos ilumine e fortaleça.

### Mães solteiras

Há dias, chega uma avó por causa de um dos netos que temos em nossa Casa. Vinha muito feliz. A filha, mãe de dois filhos que abandonou e a avó tem criado, telefonara e mostrou vontade de receber o mais novo. Há dez anos que não dava sinal de vida. Mãe solteira e muito nova. Agora, apareceu. Aquela mãe estava radiante com a voz da filha ressuscitada. Vive longe com um homem que a estima. Por agora só quer o filho mais novo. Criança muito da rua e marcada pelo abandono.

Eu disse que sim. Todos dissemos que sim. A avó veio buscar o neto. O Sérgio foi contente para o convívio da mãe. É o seu lugar. Também ficámos contentes.

### Vidas separadas

Ontem, de manhã, apareceu o tio do António. O pai dissera ao irmão para levar o sobrinho. O tio entendeu que não devia levá-lo e não levou. «Se quiser, que o venha buscar, mas só depois de combinar com o senhor padre». Gostei da sensatez deste homem.

Passada menos de uma hora apareceu um indivíduo. Chamou o António para ir à mãe, que levou o filho sem nos dizer uma palavra. Os pais vivem, há muito, separados. Ele na aldeia, ela em Lisboa. O filho andou muito tempo por um lado e por outro. Criou hábitos de desordem. Na escola era indisciplinado. Agressivo com os outros.

Agora, voltou à mesma vida. Tem treze anos. Anseia por liberdade sem responsabilidade. Vai continuar à disputa do pai e da mãe. O Serviço Social não poderá fazer nada. Não há leis que valham neste caso. Ficámos tristes ao saber da ida do António.

Padre Horácio

# Benguela — Angola

Continuação da página 1

abandonadas totalmente. Ninguém lhes dá a mão. Ninguém!

Bem sei que a sociedade deve produzir os remédios para os males que aparecem em seu meio. Angola, também. Mas é necessário ajudá-la neste processo.

O Santo Padre ao referir-se à solidariedade do povo como um alto valor a cultivar e a recuperar, pois trata-se duma herança preciosíssima da gente africana, fez um apelo solene e claro à solidariedade internacional. Falava como Pastor universal a quem compete apontar caminhos para todos os povos.

Portugal, onde estás? Igreja que estás em Portugal, que fazes perante a voz profética de João Paulo II, que se fez ouvir no lugar geográfico onde os primeiros missionários de Portugal chegaram?

### Falta açúcar e superabundam as bebidas alcoólicas

Falta açúcar em Angola! Fui à busca de comida e não encontrei açúcar. Ah, sim, vi muitos contentores carregados de bebidas alcoólicas com o vinho à frente, a despejarem garrafas de marcas variadas! Fiquei triste e protestei em voz alta, porque ao lado de cada contentor de vinho não encontrei sabão para as mães do bairro lavarem os filhos sujos e com sarna; não vi o calçado para ser comprado com o dinheiro ganho pelo trabalho sem o recurso aos roubos, assaltos e à candonga porque o dinheiro chega; não vi o açúcar para fazer o «matete» dos filhos — que não há dinheiro para papas mais caras; não vi roupas ao alcance das magras bolsas da maioria do povo.

As bebidas alcoólicas abundam e superabundam porque são negócio seguro e apetecido e fácil. Mas são altamente prejudiciais porque adormecem a consciência e despersonalizam a gente. Vêm de Portugal na sua maior parte.

Na primeira semana de cada mês juntam-se algumas centenas de pessoas debaixo das mangueiras, à entrada da Casa do Gaiato. São Pobres que nada têm, porque fugidos da guerra, ou velhinhos cegos e coxos que vivem exclusivamente do amor da Mãe Igreja porque o Estado não está organizado para os apoiar.

Eram as horas mais ricas do meu dia. Voltam, agora, passados 7 anos, com a mesma carga de emoção, alegria e paz. Trazem consigo a certeza consoladora de que as Casas do Gaiato, em Angola, estão seguras enquanto mereçam a confiança dos Pobres e eles as procurarem como seu rochedo e refúgio. Havemos, contudo, de ajudar esta gente a regressar às suas aldeias — onde está «o peixe e a cana para o pescar».

A notícia do regresso da Casa do Gaiato tem sido assunto de conversa de quantos a conhecem. Todos agradecem, pela grave preocupação que vem do vadio das ruas. Nunca como agora este garoto tem sido tão falado! Estou contente porque é bom sinal quando as aflições nascem do meio onde os males atacam. Assim há vida e capacidade de reacção.

### Quantas obras e movimentos da Igreja de Portugal ganhariam se tivessem a humildade de se lançarem ao largo!

Se não faltarem os meios humanos e materiais, minimamente indispensáveis, a sociedade angolana há-de produzir remédios para os seus males. Quantas obras e movimentos sociais da Igreja, em Portugal, ganhariam novas forças se tivessem a humildade de se lançarem ao largo!

Padre Manuel António

# Cantinho das Senhoras

Todos os meios de comunicação social se ocupam em difundir e comentar problemas quanto à falta de paz que vai pelo mundo.

Mas nesta preocupação, em que se vive, não nos lembramos da promessa de Jesus: «Deixo-vos a Paz, dou-vos a Minha Paz» (Jo.1427).

Compete a nós, os crentes, em primeiro lugar, reflectir se ela não tem de começar a ser construída em cada um de nós, à nossa volta, na família, na comunidade. E o Mestre insiste: «Bem-aventurados os que promovem a Paz, porque serão chamados filhos de Deus» (Mat. 5,9).

Pois que sejamos nós, seja qual for a nossa actividade, na Obra da Rua, a construir essa paz de que o mundo tanto precisa. É fácil lá chegar, seguindo o caminho da humildade, da simplicidade. Conhecer a Deus para podermos conhecer a nós mesmos, a nossa inutilidade; e, então, sim, chegaremos à Paz, que devemos possuir e transmitir aos Outros.

«Deixo-vos a minha Paz.»

Virgínia



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel  
Tel. (055) 752285 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 400398 — Depósito Legal 1239

Tiragem média por edição no mês de Junho: 73.700 exemplares.